



FACULDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS - FUPAC
CURSO DE PSICOLOGIA

LORENA PEDROSO DE MATOS

ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA E AS CONSEQUÊNCIAS NA VIDA DA MULHER

TEÓFILO OTONI
NOVEMBRO / 2019



FACULDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS - FUPAC
CURSO DE PSICOLOGIA

LORENA PEDROSO DE MATOS

ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA E AS CONSEQUÊNCIAS NA VIDA DA MULHER

Artigo apresentado à disciplina “TCC II” do Curso de Psicologia, da Faculdade Presidente Antônio Carlos – FUPAC, como requisito para conclusão do curso de Psicologia.

Aprovada em __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Professor (a) Examinador (a) Ms. Alcilene Lopes de Amorim Andrade
Faculdade Presidente Antônio Carlos – FUPAC

Orientador Prof. Ms. Roberto Gomes Marques
Faculdade Presidente Antônio Carlos - FUPAC

Professor (a) Examinador (a) Denise dos Anjos Costa
Faculdade Presidente Antônio Carlos - FUPAC

Abuso Sexual na Infância e as Consequências na Vida da Mulher

Lorena Pedroso de Matos* Roberto Gomes Marques**

Resumo

O abuso sexual é um fato presente em todas as culturas, não fazendo distinção entre suas vítimas e que acarreta diversas consequências prejudiciais aos indivíduos que passam por isso, consequências estas que podem se manifestar, tanto a curto quanto a longo prazo. Dentro deste contexto, várias são as medidas que necessitam ser tomadas, no intuito de cuidar dessas vítimas, as intervenções psicoterápicas se configuram como uma das ações primordiais, na tentativa de minimização desses danos. O presente artigo, trata-se de uma revisão de literatura publicada entre os anos de 2009 e 2019, a respeito do abuso sexual na infância (ASI) e suas consequências na vida adulta das mulheres vítimas como o objetivo de apresentar as possibilidades de intervenções da Análise do Comportamento no tratamento de mulheres vítimas de Abuso Sexual na Infância. Assim, o presente estudo teve como questão problema, quais são as consequências do abuso sexual infantil na vida adulta da mulher? O ASI pode afetar de maneira ampla a vida das vítimas, podendo causar desde danos físicos, comportamentais e emocionais. O modo como cada pessoa será afetada pelo Abuso Sexual Infantil, dependerá prioritariamente de aspectos pessoais e ambientais. Concluiu-se, portanto que a Análise do Comportamento oferece aporte teórico e recursos práticos que podem auxiliar a essa mulher vítima de ASI na obtenção de melhorias na qualidade de vida e minimização dos danos causados.

Palavras-chave: Abuso sexual infantil, Análise do Comportamento, mulheres vítimas

Abstract

Sexual abuse is a fact that is present in all cultures, making no distinction between its victims and that has several harmful consequences for who lives the fact, consequences that can manifest themselves, both in the short and long term. Within this context, there are several measures that need to be taken in order to take care of these victims, psychotherapeutic interventions are configured as one of the primordial actions, in an attempt to minimize these damages. This article is a literature review published between 2009 and 2019 about childhood sexual abuse (ASI) and its consequences on the adult life of female victims as the objective of presenting the possibilities of interventions of the child. Behavior Analysis in the treatment of women victims of sexual abuse in childhood. Thus, the present study had as a problem question, what are the consequences of child sexual abuse on women's adult life? ASI can widely affect the lives of victims and can cause physical, behavioral and emotional damage. How each person will be affected by Child Sexual Abuse will depend primarily on personal and environmental aspects. It was

¹ *Acadêmica do 10º período do Curso de Psicologia da Fundação Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni. E-mail: lola.pm@hotmail.com

**Professor do curso de Psicologia na Fundação Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni. E-mail: robertogomesmarques@yahoo.com.br

concluded, therefore, that the Behavior Analysis offers theoretical support and practical resources that can help this woman victim of ASI to obtain improvements in quality of life and minimize the damages.

Key words: Child Sexual Abuse, Behavior Analysis, Women Victims.

1.Introdução

O abuso sexual na infância (ASI) é um fato recorrente na sociedade e deixa graves consequências psicológicas e comportamentais em suas vítimas, influenciando diretamente na fase adulta desse indivíduo, repercutindo principalmente em sua vida social, afetiva e sexual.

Conforme Pfeiffer; Salvagni (2009) o abuso sexual infantil é um fenômeno universal que acomete, sem distinções, todas as etnias, classes sociais, culturas e crenças.

Ainda segundo os mesmos autores o ASI caracteriza-se como, toda situação em que um adulto se utiliza de uma criança para realizar seu prazer sexual, por meio de manuseio da genitália, carícias por todo o corpo, exibicionismo, voyerismo, pornografia e até o ato sexual propriamente dito, com ou sem penetração genital; o abuso sexual infantil é um ato cometido em sua maioria no ambiente familiar, por um parente direto ou alguém ligado à família.

Segundo dados estatísticos provenientes de pesquisas em Psicologia Clínica no Brasil a respeito de vítimas de abuso sexual na infância, há a prevalência de vítimas do sexo feminino, com índices que alternam entre 64,2% a 91,5% dos casos catalogados (LUCÂNIA *et al.*, 2009).

Assim, o presente estudo teve como questão problema: Quais são as consequências do abuso sexual infantil na vida adulta da mulher? Para tentar responder a essa questão, em primeiro lugar discorreu-se sobre os principais aspectos do abuso sexual infantil; suas consequências para o desenvolvimento, em seguida abordou-se as consequências do abuso na vida adulta e ao final apresentou-se as possíveis contribuições da Análise do Comportamento no atendimento a essa mulher vítima do abuso sexual na infância.

A pesquisa consistiu-se numa revisão da literatura publicada no período de 2009 a 2019, excetuando-se os autores clássicos, realizada em base de dados como Google Acadêmico, SciELO (*Scientific Electronic Library On-line*), Lilacs (Literatura Latino-americana de Ciências da Saúde), Bireme, BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), PePSIC, , bem como análises de Livros, Resumos e Trabalhos Publicados. Alguns dos descritores utilizados como critério para a pesquisa incluíram abuso sexual infantil, análise do comportamento, mulheres vítimas de abuso sexual.

Esse artigo pretende contribuir para melhor entendimento das consequências do abuso sexual infantil na vida adulta, por ser uma realidade em nossa sociedade, que traz agravos para o desenvolvimento da vítima em vários níveis, principalmente social e sexual, o artigo pode ainda auxiliar os profissionais da área da Psicologia em suas atuações com vítimas de abuso sexual na infância, por apresentar possíveis contribuições da Análise do Comportamento a respeito do tema abordado.

Assim, essa pesquisa poderá auxiliar através da junção de conhecimentos teóricos no tratamento das vítimas de abuso sexual na infância, sendo de grande serventia para a comunidade, para profissionais e para a saúde pública.

2 Abuso Sexual Infantil

A infância é a primeira fase do desenvolvimento. É nessa fase que começam as primeiras aprendizagens, as interações com o meio e o estabelecimento das primeiras relações interpessoais.

Constata-se que a infância é uma fase muito importante na vida do ser humano, responsável pelo desenvolvimento de diversos aspectos fundamentais para a vida adulta, principalmente no que diz respeito ao emocional. É através da brincadeira, do faz de conta, da imaginação que a criança se caracteriza e este é precisamente um dos pontos que se resume a especificidade da infância (BOENO, 2011, p. 48).

Diante do exposto, vale ponderar que um abuso sexual sofrido nessa fase, possivelmente trará ao abusado consequências que repercutirão por todo o seu desenvolvimento como ser humano, o episódio se torna ainda mais grave pelo fato de a infância ser um período de iniciação da vida, onde a criança ainda não possui

recursos físicos, emocionais e comportamentais para lidar com as consequências do abuso.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, norma que versa sobre a proteção integral à criança e ao adolescente, sendo muito ampla em seus preceitos que garantem a proteção integral da criança e do adolescente. O ECA foi criado em 1990 e de acordo com suas determinações:

Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. (BRASIL, 1990,p.1)

O abuso sexual infantil (ASI) é uma forma de violência que compreende comportamentos de poder, coação e/ou sedução. O abuso sexual infantil é regularmente cometido sem o uso da força física e não deixa marcas visíveis, aspecto que dificulta a sua comprovação, principalmente quando se trata de crianças nos primeiros anos de vida. O abuso sexual pode variar de atos que incluem contato sexual com ou sem penetração a atos em que não há contato sexual, como o exibicionismo e voyeurismo.

O abuso sexual supõe uma disfunção em três níveis: o poder exercido pelo grande (forte) sobre o pequeno (fraco); a confiança que o pequeno (dependente) tem no grande (protetor); e o uso delinquente da sexualidade, ou seja, o atentado ao direito que todo indivíduo tem de propriedade sobre seu corpo (GABEL, 2009, P.10)

O Ministério da Saúde (2012) define o ASI como toda circunstância na qual a criança ou o adolescente é usado para satisfação sexual de um adulto ou adolescente por meio de contato ou interação sexual. Pode incluir práticas como a manipulação de genitália, mama ou ânus, carícias, penetração vaginal e/ou anal e exploração sexual.

O ASI compreende também práticas que não envolvem contato físico, como *voyeurismo*, exibicionismo, assédio sexual e exibição ou produção de material pornográfico. São práticas normalmente infligidas à criança ou ao adolescente através de ameaças e/ou prática de violência (CDPPS, 2009).

Segundo Saffioti (2009), quando se trata de abuso sexual sucedido no espaço doméstico e familiar, há um predomínio do homem como agressor e da mulher como vítima. Os meninos também são vítimas de abuso sexual, mas a ocorrência maior

acontece fora da família, em geral praticado por adultos não parentes. Entre os familiares envolvidos em abuso sexual intrafamiliar, o pai aparece como o agressor principal.

O abuso sexual é um fato complexo e difícil de lidar por parte de todos os envolvidos. É custoso para a criança e para a família, pois a revelação do segredo evidencia a violência que acontece dentro da própria família. É complexo também para os profissionais, que muitas vezes não sabem qual a melhor forma de intervir na situação.

O Conselho Federal de Psicologia (2009, p.24), com relação ao tema, afirma que:

A violência sexual é entendida como violação dos direitos humanos de crianças e adolescentes. São formas de violência que ferem a integridade sexual de pessoas que, por sua condição peculiar, particular, seu estágio de desenvolvimento físico, emocional, afetivo e sexual, não estão preparadas para intercursos sexuais e trocas afetivo-sexuais.

Assim sendo, as sequelas deixadas pelo abuso sexual são variadas, e perceptíveis ou não estão sempre presentes na vida do abusado, sobretudo quando acontece na infância, etapa em que o indivíduo se encontra em formação, numa condição de fragilidade física, emocional e psíquica, o que dificulta a elaboração e superação do abuso, trazendo suas consequências para a vida adulta desta criança.

Quando o abusador está vinculado à vítima de forma afetiva ou por graus de parentesco, a comprovação do abuso muitas vezes é dificultada, em virtude do poder de coerção que o abusador exerce sobre a vítima. Outro impedimento encontrado para confirmação do abuso é que a vítima pode ou não apresentar sinais físicos visíveis da agressão (MAIA, 2012).

Nota-se três aspectos que necessitam ser considerados para entender as consequências do ASI para a vida adulta. São eles: o contexto em que o abuso ocorre, o perfil do agressor que perpetra o abuso e a dinâmica em que a criança é envolvida para que o abuso ocorra (ARAÚJO, 2009). A literatura esclarece dois contextos distintos de ocorrência, o contexto intrafamiliar e o extrafamiliar (PIMENTEL e ARAÚJO, 2009). O abuso sexual extrafamiliar é cometido por pessoas fora do convívio familiar, mas que tenham proximidade com a vítima, como

professores e cuidadores da escola, mas também pessoas estranhas (AMAZARRAY E KOLLER, 2009; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012).

O ASI pode comprometer o desenvolvimento da criança em todos os aspectos cognitivo, social e afetivo. A vulnerabilidade acarretada pelo abuso muitas vezes está relacionada a transtornos como o estresse pós-traumático, os transtornos de ansiedade e a depressão (HABIGZANG et al., 2009). Os diversos fatores que constituem a vivência do abuso sexual podem tanto interferir nas consequências manifestadas pelas vítimas, em médio, longo e curto prazo, quanto exacerbar ou amainar o abalo da experiência do abuso (ARAÚJO, 2009).

A aplicação das medidas indispensáveis para deter o abuso sexual está conectada à revelação. Nas circunstâncias em que isso não acontece ou nas quais a vítima se desculpa, ela pode permanecer sujeita ao risco e sofrer revitimizações, que ocasionam a piora das consequências negativas para seu desenvolvimento (SANDERSON, 2009). Sabe-se que a não adoção de medidas de proteção por parte da família, pode significar desconforto em razão de uma possível exposição familiar e da vítima ou até mesmo de possível desestruturação familiar (PFEIFFER E SALVAGNI, 2009).

2.1 Abuso sexual na infância e suas consequências no desenvolvimento

De acordo com Maia (2012), as vítimas de abuso sexual, físico e negligência até a fase adulta têm maior propensão a experiência de eventos traumáticos ao longo da vida em relação a mulheres que nunca vivenciaram nenhum tipo de abuso até a idade adulta. Essa realidade é reforçada quando há a experiência de várias formas de abuso ao longo da vida, sendo ainda mulheres mais propensas a vivenciarem novos episódios de violência interpessoal, como perseguição, agressão, abuso sexual e físico.

As consequências mais frequentes em casos de abuso sexual estão relacionadas à depressão, vergonha, baixa autoestima, ansiedade, ideações suicidas, insegurança, dificuldade de estabelecer relacionamentos duradouros e ainda a dificuldade de evitar o estado de vitimização (SANT'ANNA E BAIMA, 2009).

Sant'anna e Baima (2009) afirmam ainda que, existe uma maior tendência de que vítimas de abuso sexual apresentem problemas, dificuldades no que concerne a vida sexual e relacionamentos interpessoais na fase adulta. Dificuldades que podem ter relação á revivência da experiencia do abuso sexual em relações interpessoais que envolvam o ato sexual ou qualquer tipo de intimidade.

2.2 Consequências do abuso sexual na vida adulta

Após terem passado pela fase de aprendizagem, infância, e pela fase da adolescência, o ser humano chega a fase adulta.

Tornar-se adulto segundo Weiten (2011), é um processo que abrange a estruturação da personalidade, a consolidação dos repertórios comportamentais e o desenvolvimento da identidade pessoal, a fase adulta simboliza uma fase de novas conquistas e a aquisição e aumento de responsabilidades. Acerca das mudança da personalidade na vida adulta. As vivências de aspectos concernentes a sexualidade são fatores comumente vivenciados na fase adulta

A sexualidade humana pode ser entendida como um aspecto da existência que vai além do ato sexual em si, pois está relacionada a intimidade, aos papéis sociais, a reprodução e ao prazer. Envolve comportamentos, pensamentos, desejos e fantasias, controlados por aspectos econômicos, biológicos, sociais, psíquicos, culturais, espirituais e religiosos. Assim a sexualidade humana é algo complexo que não se restringe a relação sexual, questões como crenças espirituais, valores morais, padrões de comportamento interferem no modo como o indivíduo pensa e vivencia sua sexualidade, pode-se dizer então que a sexualidade é uma experiência essencialmente subjetiva (PIMENTEL e ARAÚJO, 2009).

De acordo com a OMS (2006), a satisfação sexual pode ser entendida como estado de bem-estar emocional, físico e mental relativo à sexualidade e pode estar ligada de modo direto a qualidade dos relacionamentos conjugais e amorosos. Ou seja, a satisfação sexual é um estado de sentir-se confortável com relação as questões sexuais e o modo como os indivíduos se relacionam afetivamente, os tipos de relacionamentos amorosos que estabelecem e a qualidade das relações, afetam diretamente no grau de satisfação sexual de cada indivíduo.

Relaciona-se a resposta afetiva correspondente a experiência individual da sexualidade através da análise das dimensões negativas e positivas das relações afetivo-sexuais. O contexto relacional e os fatores interpessoais em que a relação sexual acontece, os benefícios e custos envolvidos são questões que orientam a percepção da satisfação sexual. A percepção de equivalência entre o investimento afetivo-sexual e a resposta dada pelo parceiro são aspectos que também devem ser considerados na avaliação da percepção de satisfação sexual. Pode-se entender assim que, a satisfação sexual abarca fatores tanto do intelecto quanto afetivos (MAIA, 2012).

2.2.1 A Questão da Sexualidade no ASI

Mulheres vítimas de abuso sexual estão propensas a terem seu funcionamento sexual comprometido. O funcionamento sexual versa sobre a aptidão de um sujeito experimentar a satisfação sexual ou ser capaz de responder sexualmente a partir de elementos como experiência do orgasmo, desejo, excitação, nível de dor durante o ato sexual e lubrificação (DSM V, 2014 p. 992).

Com relação à sexualidade feminina, existem elementos específicos que interferem no funcionamento e níveis de satisfação sexual. Mesmo que este assunto seja tema de estudo de diversas áreas do conhecimento, ainda não se possui de dados satisfatórios para construção de um modelo que esclareça completamente o funcionamento sexual feminino. Entende-se, todavia, que a dimensão da sexualidade humana compreende a interação de aspectos socioculturais, biológicos e psicológicos, como por exemplo, a duração do relacionamento, a presença de um parceiro fixo, sua idade, seu funcionamento sexual e os sentimentos para com o parceiro fixo (MAIA, 2012).

O DSM-V Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais em sua 5ª edição refere-se ao abuso sexual como um elemento de risco para o desenvolvimento de transtornos relativos à disfunção sexual. Mulheres vítimas de ASI podem ser mais suscetíveis ao comprometimento de seu funcionamento sexual se comparadas a mulheres que não sofreram esse tipo de violência. O comprometimento no funcionamento sexual pode ter como consequência a dificuldade de lubrificação vaginal, dor genital, dificuldade de atingir o orgasmo, ausência de prazer, aversão ou evitação sexual.

A vivência de um abuso sexual na infância traz danos para a vida adulta da mulher principalmente nos aspectos relacionados à afetividade e sexualidade, dificultando o estabelecimento de relações sólidas e saudáveis, além da probabilidade de desenvolvimento de transtornos de ordem psíquica.

O desenvolvimento de comportamento sexual de risco na vida adulta é um fator de relevância e pode estar conexo ao ASI, quanto mais graves forem as circunstâncias em que ocorreram o abuso sexual, maiores são as probabilidades de ocorrência do comportamento sexual de risco na idade adulta, podendo também colaborar para aumentar a frequência dos comportamentos sexuais (MAIA, 2012).

Segundo Antoniazzi, Dell'aggio, Bandeira (2010), outro aspecto presente no comportamento da vítima de ASI são as estratégias de coping emocionais, que aqui podem ser definidas como o conjunto das estratégias empregues pelas pessoas para adaptarem-se a ocasiões adversas, os esforços gastos pelos sujeitos para enfrentarem eventos estressantes, agudos, ou crônicos tendo como objetivo gerir o afeto negativo relativo ao trauma, também intermedeiam a relação entre ASI e consequências para a sexualidade adulta de mulheres.

O emprego desse tipo de estratégia está concatenado à apreensão e temor frente a estímulos sexuais, a emoções negativas durante o sexo, e à redução da satisfação sexual. A experiência de ASI está correlacionada ainda à redução de atitudes otimistas em relação ao futuro, o que pode colaborar para correlações negativas no tocante ao estabelecimento de vínculos e à atividade sexual (ANTONIAZZI; DELL'AGLIO; BANDEIRA, 2010).

As estratégias de coping também podem estar adjuntas à qualidade das relações afetivas futuras. Tanto os comportamentos de compulsão quanto os de evitação sexuais são capazes de prenunciar um mau ajustamento nos relacionamentos íntimos.

A instauração de intimidade psicológica e sexual em relações adultas é uma relevante atribuição do desenvolvimento do sujeito que pode evocar afetos e cognições relacionados ao trauma. Esses elementos traumáticos podem interceder na organização da interação sexual do indivíduo ocasionando padrões de

comportamento capazes de comprometer a qualidade dos relacionamentos afetivo-sexuais (ALMEIDA, 2012).

2.3 As possíveis contribuições da Psicologia Comportamental no acompanhamento psicológico de mulheres vítimas de abuso sexual na infância

Quando se elucubra sobre questões relativas ao tratamento de vítimas de ASI, a psicoterapia apresenta-se como elemento indispensável, tornando-se em alguns casos, de importância superior ao tratamento farmacológico.

Almeida (2012) cita que os fármacos se mostraram ineficazes em alguns casos em que a origem das dificuldades era de ordem psicológica. Assim sendo, percebe-se claramente o papel fundamental do tratamento psicoterápico para tais indivíduos

Dentre as inúmeras possibilidades de abordagens dentro da Psicologia, as Terapias Comportamental e Cognitivo Comportamental têm obtido destaque no tratamento de vítimas de abuso sexual, devido aos bons resultados alcançados. Vale destacar que o foco deste artigo são as possibilidades de intervenção dentro da Psicologia Comportamental. Skinner (1959) *apud* Sant' Ana (2004), afirma que “a psicoterapia é uma agência controladora, cuja função é a de desfazer os efeitos colaterais da punição a que os indivíduos são submetidos”.

A respeito do processo de relação terapêutica entre Analista do comportamento e cliente, Banaco (1993, p. 4) afirma que:

O que diferencia a relação terapêutica das relações do cotidiano é o que Skinner (1953) denomina de audiência não punitiva, na qual o terapeuta compreende os comportamentos do cliente sem julgá-lo, o que torna a relação terapêutica íntima.

É imprescindível criar um modo de intervir com as vítimas que seja diretivo e que as dê suporte. O silêncio muito empregado em abordagens não diretivas pode auxiliar na manutenção e aumento de comportamentos de evitação reforçando o silêncio comumente presente no contexto abusivo.

Dentro da Teoria Comportamental, posteriormente a identificação do comportamento a ser mudado, torna-se plausível definir variáveis que possuam relação com um comportamento específico, assim pode-se controlar e prever a ocorrência de um comportamento. Principalmente reforçando os comportamentos adequados.

Cabe aqui ressaltar que, para a análise do comportamento o conceito de reforço se define por um estímulo positivo ou negativo que aumenta a probabilidade de que determinada conduta volte a acontecer futuro (Skinner, 2003).

Os profissionais que lidam com vítimas de abuso sexual são colocados em situação de grande vulnerabilidade, por isso é tão importante que não trabalhem isoladamente, pois o trabalho interdisciplinar permitirá planejar melhor as intervenções. Uma ação imediata e não planejada acaba impedindo o estabelecimento da realidade dos abusos e conseqüentemente uma reação não terapêutica e sem objetivos claros. Nesse aspecto, a ação conjunta deve visar minimizar e tornar mais eficaz a intervenção, pois sua efetividade depende, em grande parte, da boa coordenação e da comunicação entre os profissionais envolvidos. (FURNISS, 1993).

A intervenção do psicólogo comportamental inicia-se com a análise funcional onde será possível conhecer a história de vida, estrutura familiar, eventos marcantes, bem como, identificação dos comportamentos a serem trabalhados. Identificados os comportamentos onde o psicólogo irá intervir, serão então traçadas as técnicas a serem usadas a fim de proporcionar um melhor enfrentamento do evento do abuso e suas conseqüências atuais na vida da vítima, proporcionando a diminuição ou até mesmo extinção dos comportamentos inadequados, aumento do repertório comportamental e o reforçamento dos comportamentos adequados (MOREIRA; MEDEIROS, 2010).

A análise funcional de um comportamento revela que o comportamento se trata de relações, isto é, interação entre o organismo e o meio ambiente. Assim, é possível perceber a relação entre o evento ambiental externo antecedente, o comportamento operante, a emoção (ou o comportamento respondente) e o evento ambiental conseqüente (SKINNER, 2003).

Todo este processo é complexo e exige do Analista do comportamento não apenas o conhecimento teórico de sua abordagem, como também o domínio do manejo das sessões e das técnicas a serem aplicadas a cada caso, levando sempre em conta os preceitos éticos que norteiam a profissão do psicólogo, seja qual for a sua abordagem.

3. Considerações Finais

Além dos elementos pertinentes especificamente aos níveis de satisfação sexual, a experiência de abuso sexual na infância pode afetar outros aspectos dos relacionamentos afetivos e da vida sexual das mulheres. A vivência do abuso na infância pode comprometer de forma negativa a aptidão em estabelecer e manter relações íntimas salutaras na vida adulta, a partir de um modelo de apego ligado à ansiedade ou à evitação, podendo ter dificuldade em estabelecer vínculos de confiança em suas relações entre outras consequências que podem ser experienciadas pelas vítimas na idade adulta.

As intervenções terapêuticas devem ser realizadas no intuito de amenizar as consequências já existentes e ainda evitar o surgimento de comportamentos desadaptativos. Faz-se importante ainda entender os fatores relevantes que moldam a sexualidade dessa vítima, com o objetivo de potencializar experiências sexuais satisfatórias e seguras.

Estar atento às questões concernentes a expressão da sexualidade é essencial, pois, esse modo de expressão pode determinar em que direção irá a vida sexual desta mulher, podendo resultar em uma vida sexual saudável, bem como, em comportamentos de risco, que podem acarretar problemas de saúde tanto reprodutivos quanto sexuais.

Enfim, conclui-se que não é possível nem delimitar tão pouco padronizar completamente as consequências de um abuso sexual, pois a extensão e a magnitude das consequências vão variar de acordo com a subjetividade do sujeito vítima de abuso sexual, levando-se em conta a experiência, as vivências de cada um, evitando assim intervenções generalistas e reducionistas.

Assim é indispensável que o Analista do comportamento tenha a sensibilidade necessária e esteja capacitado a intervir de forma ética e adequada nos casos de vítimas de ASI, tanto no consultório quanto na rede pública de saúde.

Referências

ALMEIDA, Maria de V. **Tratamento psicoterápico para vítimas de abuso sexual infantil: evidências da literatura internacional**. Rev Med Minas Gerais 2012; 22(2): 221-225, 2015. Disponível em:< <http://www.rmmg.org/artigo/detalhes/109>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

AMAZARRAY, M.R.; KOLLER, S.H. **Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual**. Revista de Psicologia Reflexão e Crítica, 11(3):559-578, 2009. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000300014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 23 jul.2019.

ANTONIAZZI, Adriane Scomazzon; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; BANDEIRA, Denise Ruschel. **O conceito de coping: uma revisão teórica**. Estud. psicol. (Natal), Natal , v. 3, n. 2, p. 273-294, 2010. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X1998000200006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 20 jul. 2019.

ARAÚJO, M.F. **Violência e abuso sexual na família. Psicologia em Estudo**, 7(2):3-11, 2009. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722002000200002>. Acesso em: 14 ago. 2019.

AZEVEDO, M.A. & GUERRA, V.N. **Crianças Vitimizadas: A síndrome do pequeno poder**. São Paulo: Iglu Editora, 2015.

AZEVEDO, M.A. & GUERRA, V.N. **Incesto ordinário: a vitimização sexual doméstica da mulher-criança e suas consequências psicológicas**. In: M.A. Azevedo & V.N. Guerra (Orgs.), *Infância e Violência Doméstica: fronteiras do conhecimento* (pp 195-208). São Paulo: Cortez, 2014.

BANACO, R. A. **O impacto do atendimento sobre a pessoa do terapeuta**. Temas em Psicologia, 2 (1), 71-79, 1993. Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000200010>. Acesso em: 12 ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Instrutivo de notificação/investigação de violência doméstica, sexual e/ ou outras violências**. Brasília; 2009. Disponível em:< http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva_instrutivo_violencia_interpessoal_autoprovocada_2ed.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2019.

BRASIL – Secretaria Dos Direitos Humanos-Programa Nacional De Enfrentamento Da Violência Sexual Contra Crianças E Adolescentes (PNEVSCA). **Relatório disque denúncia – módulo Crianças e Adolescentes**. Brasília. 2014. Disponível em:<

http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/sedh/08_2013_pnevsca.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2019.

BRASIL- MINISTÉRIO DA SAÚDE. 2012. **Notificação de maus--tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde: Um passo a mais na cidadania em saúde**. Brasília, Ministério da Saúde, 14 p., 2012. Disponível em:<
http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/notificacao_maustratos_crianças_adolescentes.pdf>. Acesso em: 12 set. 2019.

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA _ **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em:<
https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca_1ed.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 set. 2019.

BORGES, L.S.; CANUTO, A.A.A; OLIVEIRA, D.P.;VAZ, R.P. **Abordagens de gênero e sexualidade na Psicologia: revendo conceitos, repensando práticas**. Psicologia: Ciência e Profissão,33(3):730-745, 2013. Disponível em:<
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932013000300016&script=sci_abstract&tIng=pt>. Acesso em: 09 ago. 2019.

CATANIA, A. C. **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição** (D. G. Souza, Trans.). Porto Alegre: Artmed, 1999.

CFP - Conselho Federal de Psicologia. **Serviço de Proteção Social a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência, Abuso e Exploração Sexual e suas Famílias: referências para a atuação do psicólogo**. Brasília: CFP, 2009. Disponível em:<
https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2009/10/CREPOP_Servico_Exploracao_Sexual.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

CHAUÍ, M. **Participando do debate sobre mulher e violência. Em Perspectivas Antropológicas da Mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DE PROGRAMAS E POLÍTICAS DE SAÚDE – São Paulo. 2009. **Caderno de Violência Doméstica e Sexual contra Crianças e Adolescentes**. Disponível em: <
<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/crianca/Adolescente.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

DSM-V. **Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais**. 5ª ed., Porto Alegre, Artmed, 718-992 p., 2014.

FURNISS, T. **Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GABEL, M. **Crianças vítimas de abuso sexual**. (S. Goldfeder & M.C.C. Gomes, Trad.) São Paulo: Summus Editorial, 2009. Pág. 09-74.

GIL, A C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas., 2010.

HABIGZANG, L.F.; AZEVEDO, G.A.; KOLLER, S.H.; MACHADO, P.X. **Fatores de risco e de proteção na rede de atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3):379-386,2009. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000300006>. Acesso em: 15 set. 2019.

KOLLER, S. H.; DE ANTONI, C. **Violência intrafamiliar: Uma visão ecológica.** In: S.H. KOLLER (ed.), **Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil.** São Paulo, Casa do Psicólogo, p. 293-310, 2009.

LUCÂNIA, E. R., MIYAZAKI, M. C. O. S., & DOMINGOS, N. A. M. P. **Projeto Acolher: caracterização de pacientes e relato do atendimento psicológico a pessoas sexualmente vitimadas.** *Temas em Psicologia*, 16(1), 73-82, 2009. Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2008000100006>. Acesso em: 23 ago. 2019.

MAIA, A.C. **Abuso sexual na infância: A reconstrução depois do trauma.** *Psicologia: Teoria Investigação e Prática*, 6(2):347-357, 2012. Disponível em:< <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/5700>>. Acesso em 10 ago. 2019.

MOREIRA, M. B., & MEDEIROS, C. A. **Princípios básicos da Análise do Comportamento.** Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 2010.

OMS - Organização Mundial de Saúde. **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde.** Genebra, 2006. Disponível em:< <http://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2019/04/14142032-relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2012.

PFEIFFER, L.; SALVAGNI, E.P. **Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência.** *Jornal de Pediatria*, 81(5):197-204, 2009. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700010>. Acesso em: 10 ago. 2019.

PIMENTEL, A.; ARAÚJO, L.S. **Violência sexual intrafamiliar.** *Revista Paraense de Medicina*, 20(3):39-41, 2009. Disponível em:< http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-59072006000300008>. Acesso em: 10 ago. 2019.

SAFFIOTI, H.I.B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero.** *Cadernos Pagu*. (16), 115-136, 2009. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

SANDERSON, C. **Abuso sexual em crianças: Fortalecendo pais e professores para proteger crianças de abusos sexuais.** São Paulo, M. Books do Brasil, 386 p., 2009.

SANT'ANNA, P.A.; BAIMA, A.P.S. **Indicadores clínicos em psicoterapia com mulheres vítimas de abuso sexual.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, 28(4):728-741,

2009. Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000400006>. Acesso em: 12 ago. 2019.

SANT'ANA, Vania L. P, **Psicoterapia Analítico-Comportamental**. Anais do VI Semana de Psicologia da UEM: Subjetividade e Arte Maringá-UEM. 2004. Disponível em:< <http://abpmc.org.br/arquivos/publicacoes/15218491668b50b45055.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano** (J. C. Todorov & R. Azzi, Trans.). São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SKINNER, B. F. Questões recentes na análise comportamental. Campinas: Papyrus, 1989.

TONELI, M.J.F. **Sexualidade, gênero e gerações:continuando o debate**. In: A.M. JACÓ--VILELA; L. SATO (org.), Diálogos em psicologiasocial. Rio de Janeiro, Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 147-167.2012.

WEITEN, W. **Introdução á Psicologia, Temas e Variações**. Ed. 7º. São Paulo. 2011.